

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN'S FILM
FESTIVAL
14 de novembro de 2022

CIVILISÉES / 1999

Um filme de Randa Chahal Sabbag

Realização e argumento: Randa Chahal Sabag / Cinematografia: Ruby Breidi, Gale Breidi, Ricardo Jaçques Gale / Montagem: Juliette Welfling / Figurinos: Souraya Baghdadi / Som: Stéphane Brunclair / Música: Ziad Rahbani / Interpretes: Jalila Baccar (Viviane), Tamim Chahal (Samir), Myrna Maakaron (souad), Carmen Lebbos (Najat), Sotigui Kouyaté (Ousmane), Renée Dick (Thérèse), Bruno Todeschini (Antoine), Hassan Mrad (Marwan), Nada Ghosn (Bernardette)

Produção: Euripide Productions, Leil Productions, Ciné Manufacture / Produtores: Frédéric Sichler, Daniel Toscan du Plantier / Cópia: digital, cores, árabe, francês inglês, cingalês, com legendas em árabe e inglês, legendado eletronicamente em português / Duração: 100 minutos / Estreia mundial: Itália, 4 de setembro de 1999 (Festival Internacional de Cinema de Veneza) / Exibição inédita em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa

Sessão apresentada por Sam Lahoud

O trabalho de Randa Chahal Sabag conjuga-se, de acordo com uma tendência geral do cinema libanês desde os anos 70, numa tentativa de extrair um sentido e uma humanidade do seu país a partir dos destroços, tanto ideológicos como materiais, provocados pela Guerra Civil que assolou o Líbano entre 1975 e 1990. Na inevitabilidade da destruição cultural do seu país, o início da carreira desta realizadora assentou menos na prática cinematográfica enquanto meio em si do que no preenchimento de um dever, o de documentar tudo o que viu no seu país durante estes anos. Em entrevista à revista *Jeune Cinéma*, ela refere: “Entre 1975 e 1985, não pensei em nada mais do que na guerra, para mim, o cinema não existia”. Este esforço, que culminou, para além de outros documentários, em *NOS GUERRES IMPRUDENTES* (1995), e com *CIVILIZÉES*, a terceira ficção entre as quatro que completam a sua curta carreira (Randa Chahal morreu precocemente, em 2008, com 54 anos), e a única que se debruça nas consequências da guerra civil libanesa. Mas se o primeiro tenta, com toda a seriedade documental, congrega imagens da realidade numa tentativa de traçar um sentido desta guerra, *CIVILISÉES* serve-se das confusões religiosas e ideológicas que afetaram todas as fações e gerações da sociedade libanesa para fazer uma ácida comédia negra sobre uma comunidade de um bairro deixado nas mãos de guerrilheiros e criados imigrantes.

A expressão satírica e cômica de *CIVILISÉES* teve uma receção extremamente controversa no Líbano. O filme foi aclamado internacionalmente, mas foi pesadamente censurado no seu país, onde a guerra era ainda um fantasma presente. Ora, se à comédia cabe a cada um a sensibilidade e a permeabilidade da afeição e do

entretenimento, assim como a capacidade de medir a justeza das decisões da realizadora, há neste filme uma carga autobiográfica relacionada com as experiências de Randa Chahal Sabbag que facilita uma análise quase documental e sugerem uma sensibilidade aprofundada para além dos seus elementos satíricos. O filme revolve-se em torno de um agenciamento de pessoas e atos que fazem referência a situações por ela presenciadas, entre as quais menciona, por exemplo, as sórdidas brincadeiras das crianças que colam dinamite a gatos para os fazer explodir, ou a história do amigo Michel Seurat, sociólogo e investigador que foi raptado e executado pela Organização da Jihad Islâmica (milícia xiita precursora ao Hezbollah). Quanto aos imigrantes que protagonizam o seu filme, ela refere não ter conhecido nenhuma, a não ser cadáveres deitados no asfalto das ruas. Pela natureza do seu estilo, *CIVILISÉES* obriga qualquer público a tomar uma posição entre limites, limites esses que se referem, desde logo, às fronteiras entre a ficção e uma realidade fatídica, fronteiras que se aprofundam na relação da ficção com a comédia e com a seriedade das ruínas, da perversa moralização das personagens retratadas e da lógica absurda da multiplicidade de ideias conflituosas que povoavam todas as gerações e fações guerrilheiras em Beirute.

Esta vertente autobiográfica revira também para o contexto meta-cinematográfico referente à obra da realizadora através de várias imagens por ela capturadas anos antes, durante a guerra, e que “passeiam” pelas ruínas de Beirute. Como afirma Martine Joly em *Imagem e a sua Interpretação*, na forma fechada da narrativa de ficção, Randa Chahal insere uma «forma aberta da cidade em guerra, com uma acumulação de gravações mostrando as ruas devastadas, ruínas evocando todas as ruínas ausentes». Ao reutilizar as suas próprias “notas audiovisuais” no contexto da ficção ela dota-a de um tom documental, e ao mesmo tempo, faz um movimento autorreflexivo de subjetivação que transforma o olhar da câmara no próprio olhar da realizadora, e, simultaneamente, no olhar da sua memória.

Do facto de não haver protagonistas, mas o cruzamento de várias personagens, nacionalidades e ideais no contexto de um único barro de Beirute, o interesse da realizadora não parece ser o de estabelecer uma posição moral em relação aos seus personagens, mas o de retirar da absurda confusão que a guerra gera traços de uma afeção comum a todas elas, expressas na fragilidade mental e na ignorância mas, também, nas dinâmicas de uma comunidade, bem como nas histórias de amor. Randa Chahal Sabbag importa-se, mais do que tudo, em reconstituir a humanidade destas personagens de acordo com o seu potencial de afeção, dando relevo aos seus traços mais positivos e extraíndo, da facciosidade fundamentalista que atravessa as gerações retratadas, uma ingenuidade que, partindo da ignorância e da teimosia, demonstra também o potencial para a reconciliação.

Manuel João Montenegro